

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

SILVIA MARIA TONASSO

ESTÉTICA E FILOSOFIA DAS PEDRAS

UBERLÂNDIA / MG

2024

SILVIA MARIA TONASSO

ESTÉTICA E FILOSOFIA DAS PEDRAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Filosofia
da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção
dos títulos de bacharel e licenciado em
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Dias Carvalho

UBERLÂNDIA / MG

2024

SILVIA MARIA TONASSO

ESTÉTICA E FILOSOFIA DAS PEDRAS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado para
a obtenção dos títulos de bacharel e licenciado
em Filosofia na Universidade Federal de
Uberlândia pela banca examinadora formada
por:

Uberlândia–MG, 14 de novembro de 2024.

Prof. Dr. Jairo Dias Carvalho

Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior

Dedico à minha mãe, Maria Anézia Tonasso, (**in memoriam**) a
pessoa que mais vi enfrentar pedras no caminho. De pedra em
pedra, mesmo diante das dificuldades, nunca deixou faltar sustento
para nós. A mulher mais honrada que já conheci. Sei que meus
sonhos também eram os seus, e sempre lutarei para ser uma pessoa
melhor a cada dia. A senhora é a melhor versão de mim.
A melhor versão de nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser a minha fortaleza e a base da minha fé. Agradeço à minha espiritualidade, que sempre está ao meu lado quando mais preciso, quando a invoco. Sem essas forças, as dificuldades poderiam ser ainda maiores. Agradeço por toda compaixão e amor.

Agradeço à minha esposa, Paloma Mansini Basso, que sempre esteve ao meu lado em tudo o que faço; se preocupa, torce, se dedica e me incentiva todos os dias a ser uma pessoa melhor e realizada. Tenho em você a minha **PEDRA**.

Agradeço ao meu irmão, José Antonio Tonasso, pois só nós sabemos a luta que tivemos de enfrentar e aceitar na vida. Desde pequenos retirando as pedras do feijão para nossa Mãe cozinhar e mais tarde retirando as pedras do caminho para caminhar, estamos tocando em frente.

Agradeço à Dona Lulu, Maria de Lourdes Mansini, por todo acolhimento, amor, aceitação e por tudo que já fez por mim nesta vida.

Agradeço ao Senhor Peixinho, Vanderlei Basso, pela força, aceitação e todo o carinho que tem comigo. O senhor é nota 1 milhão.

Agradeço à minha tia, irmã da minha mãe, minha madrinha, por tudo que a senhora já fez por mim. Não posso listar aqui porque daria muitas páginas, mas foi a única que me ajudou quando eu gritei por socorro.

In memoriam, agradeço ao meu tio, Toninho, Antonio Brasilino Marques, por tudo o que fez por mim nesta vida. Por todas às vezes que estive lá quando precisei. Por ser tudo em minha vida. Você está em tudo que sou, meu tio querido.

Em especial, agradeço ao meu orientador, Jairo Dias Carvalho. Troçamos no mesmo caminho, um caminho de aprendizado e crescimento. Seu jeito atencioso me cativou desde o primeiro dia de aula. Seu jeito humano me fez continuar o curso e não desistir diante dos percalços e pedras. Aprendi com o senhor que com pedras no caminho, juntamos e construímos um castelo. E que a Pedra que machuca também pode significar sorte. Obrigada grande Mestre.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao Professor José Benedito de Almeida Júnior por aceitar fazer parte da minha banca TCC. Sua participação é uma honra para mim e representa um incentivo imenso nesse momento crucial da minha formação. Agradeço pelo seu tempo dedicado, pelas contribuições valiosas que levarei para a vida.

Entre tantos sonhos e incertezas, tentativas frustrantes e hiper focos, aqui estou encerrando meu trabalho de conclusão de curso. Inexplicavelmente, com tantas forças, agradeço a muitas pessoas e às ajudas espirituais. Estou vivendo hoje a oração que fiz ontem.

RESUMO

Este trabalho é uma jornada pessoal pelo simbolismo das pedras e dos minerais, explorando como elas representam resistência, permanência e inspiração. A poesia de Cora Coralina serve como ponto de partida dessa reflexão; para mim, seus versos sobre as pedras no caminho evocam desafios que, em vez de nos paralisar, podem nos fortalecer. Essa ideia de transformar obstáculos em algo criativo e belo ressoa profundamente comigo. Inspirado por essa perspectiva, fui atraído pela imagem do quebrador de pedras, apresentada em um conto oriental narrado pela Profa. Lúcia Helena Galvão. Ele simboliza a luta humana para moldar o mundo ao seu redor, enfrentando a matéria com força e determinação. É como se ele representasse a persistência, a busca por significado e a capacidade de transformação diante das dificuldades. A partir disso, mergulhei nas ideias de Roger Caillois e Henri Bergson. Caillois encontra nas pedras uma beleza indestrutível, algo eterno, enquanto Bergson reflete sobre a atração da mente humana pelo que é sólido e estável. Esses conceitos reforçaram um sentimento que já carregava: a beleza das pedras transcende sua forma física. Combinando essas reflexões com minhas próprias vivências, este trabalho revela como as pedras simbolizam, para mim, valores profundos que atravessam o tempo e refletem a essência da existência humana.

Palavras-chave: Simbolismo das Pedras, Estética e Filosofia, Permanência e Resistência.

ABSTRACT

This work is a personal journey into the symbolism of stones and minerals, exploring how they represent resilience, permanence, and inspiration. The poetry of Cora Coralina serves as the starting point for this reflection; for me, her verses about stones along the path evoke challenges that, instead of paralyzing us, can strengthen us. This idea of transforming obstacles into something creative and beautiful resonates deeply with me. Inspired by this perspective, I was drawn to the image of the stonebreaker, featured in an oriental tale narrated by Professor Lúcia Helena Galvão. He symbolizes the human struggle to shape the world around him, facing matter with strength and determination. It is as if he embodies persistence, the search for meaning, and the capacity for transformation in the face of difficulties. From there, I delved into the ideas of Roger Caillois and Henri Bergson. Caillois perceives in stones an indestructible beauty, something eternal, while Bergson reflects on the human mind's attraction to what is solid and stable. These concepts reinforced a feeling I already carried: the beauty of stones goes far beyond their physical form. Combining these reflections with my own experiences, this work reveals how stones, for me, symbolize profound values that transcend time and reflect the essence of human existence.

Keywords: Symbolism of Stones, Aesthetics and Philosophy, Permanence and resistance.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	10
<i>A Pedra, o TCC e a autora</i>	10
1. A FILOSOFIA DAS PEDRAS E DOS MINERAIS.....	18
2. A POESIA, O BELO E O FLUXO CONTÍNUO	19
3. A PEDRA COMO MATERIAL	23
<i>O Quebrador de Pedras</i>	23
4. A ESTÉTICA DA PEDRA	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

INTRODUÇÃO

A Pedra, o TCC e a autora

Tenho uma relação afetiva com as pedras, em todos os momentos em minha vida me vi levando uma pedrinha para casa. Em minha jornada de curiosidade pelas pedras, descobri um universo que vai muito além do que eu imaginava. Cada pedra, em cada sentido que ela carrega, me revela uma nova história, quase como se fosse camada de um hiper foco, algo que me faz mergulhar em uma viagem que parece não ter fim.

Comecei com algo simples, uma pedra no sapato, esse incômodo tão pequeno, mas que é capaz de me tirar do sério. Parece que representa bem aqueles obstáculos diários, que, mesmo pequenos, exigem minha atenção. É como se cada desafio do dia fosse uma pedrinha no caminho, algo que preciso parar para tirar antes de seguir adiante, senão ele me machuca e me impede de andar em paz. A pedra no sapato virou para mim um símbolo das pequenas lutas, aquelas que aparecem só para lembrar que a vida nunca é completamente plana.

E aí vieram as pedras preciosas. Imaginei um mundo onde cada gema, com seu brilho e cores, era formada ao longo de milhões de anos, em silêncio, no escuro da Terra, sob pressão intensa. Essas pedras carregam o peso da história do planeta e representam algo puro e indestrutível. Sempre pensei nas pedras preciosas como algo quase mítico, como pequenos pedaços de eternidade que posso segurar nas mãos. Elas são como testemunhas de uma natureza que existe bem além de mim, mas que, por algum milagre, compartilha um pouco de sua beleza.

Mas há o outro lado sombrio, e foi estranho lembrar da pedra na forma do crack. Essa também é uma pedra que transforma vidas, mas de maneira destrutiva. Enquanto a pedra preciosa é um símbolo de resistência e beleza, a pedra-droga é o oposto, é o que pode apagar alguém de si mesmo. É uma lembrança dura de que nem toda pedra é amparo, e que às vezes, aquilo que parece sólido é, na verdade, um perigo.

Por outro lado, há uma dimensão em que as pedras sustentam a vida. Olhar para o solo rochoso e ver que ali estão os minerais que nutrem as plantas, filtram a água e alimentam o ciclo da vida, isso me traz uma sensação de paz. É como se cada pedrinha no solo fosse uma parte fundamental de tudo. As pedras se tornam esse suporte invisível, um alicerce que talvez a gente nem perceba, mas que mantém o mundo de pé.

Quando penso nas pedras como fontes de energia, gosto de ver isso de uma forma bem ampla. Afinal, as pedras e os minerais são como baterias naturais que guardam

energia e potencial bruto. Desde os tempos antigos, as civilizações perceberam que algumas pedras têm propriedades que podem ser usadas para proteger, curar, harmonizar. Cada pedra, com sua estrutura sólida e elementos únicos, parece emitir algo especial, quase como uma presença própria. Alguns cristais, por exemplo, são tidos como canais de energia, ajudando a equilibrar as emoções, acalmar a mente ou até revitalizar o corpo. Confesso que a ideia de carregar uma pedra assim, como uma parceira energética, tem algo de mágico e tranquilizante para mim.

Mas essa “energia” das pedras não está só no campo do místico. Há uma energia mais prática e concreta, aquela que permitiu ao ser humano, desde as primeiras eras, transformar a pedra bruta em ferramentas e armas. Não dá para esquecer que foi a solidez da pedra que deu ao ser humano o primeiro controle sobre o ambiente. Com as pedras, conseguimos construir, moldar, cortar. E não parou por aí. Hoje, muitos tipos de minerais, como o quartzo, são essenciais na tecnologia moderna, por exemplo. A dureza e estabilidade de certas pedras permitem criar relógios, circuitos eletrônicos, vidros e até partes essenciais de computadores. Elas são praticamente a base de toda a manufatura, pois nos permitem produzir com precisão e durabilidade.

E, claro, essa energia também se vê na forma como as pedras têm sido usadas em construções monumentais, em catedrais, templos, esculturas que duram séculos. Basta pensar em como essas pedras mantêm sua firmeza, sua resistência ao tempo. A energia da pedra é essa capacidade de durar, de suportar, de ser uma presença constante e estável em um mundo que muda o tempo todo. É como se cada pedra guardasse um pouco da força do planeta, oferecendo- nos um suporte que vai muito além do que percebemos.

Para mim, as pedras são um lembrete de que há algo de essencial e insubstituível em ter bases sólidas, seja para o que quer que estejamos criando — nossa casa, nossas ferramentas, nossa história ou nosso próprio equilíbrio. É fascinante ver que, ao longo dos tempos, essa energia da pedra, física ou simbólica, nos permite tanto sonhar quanto construir.

Claro, há a pedra enquanto pedra. Simples, pura, na sua condição natural. E talvez seja exatamente aí que ela me fascina: não precisa de lapidação, de brilho ou de fama. A pedra, em sua forma bruta, carrega uma sabedoria silenciosa, como se ela mesma fosse a história do tempo, contada em camadas, uma sobre a outra. Às vezes, me pergunto o que essas pedras “lembram” de tempos que sequer posso imaginar.

Podemos falar das pedras petrificadas, pedras que se originaram a partir de árvores são um fenômeno fascinante, exemplificado pelo processo de petrificação. Esse processo

ocorre quando restos de árvores ou madeira são lentamente substituídos por minerais, como sílica, calcita ou quartzo, ao longo de milhões de anos. O resultado é a formação de madeira petrificada, um tipo de fóssil que preserva a estrutura original da madeira em forma de pedra.

A petrificação começa quando uma árvore morta é enterrada sob sedimentos ricos em minerais, protegida do oxigênio e da decomposição bacteriana. A água subterrânea, rica em minerais dissolvidos, permeia a madeira, substituindo gradualmente suas fibras orgânicas por depósitos minerais. Apesar de se tornar completamente mineral, a madeira petrificada mantém detalhes surpreendentes da textura, anéis de crescimento e até padrões microscópicos.

Um exemplo icônico desse processo pode ser encontrado no **Parque Nacional da Floresta Petrificada**, no Arizona, Estados Unidos, onde árvores do período Triássico, há cerca de 225 milhões de anos, foram transformadas em fósseis impressionantes. Cada peça de madeira petrificada é única, variando em cor e padrão dependendo dos minerais envolvidos no processo.

A madeira petrificada é valorizada não apenas como um registro histórico e geológico, mas também como um objeto de beleza natural, frequentemente utilizado em joalheria e decoração. Ela simboliza o equilíbrio entre a natureza viva e o tempo geológico, mostrando como a natureza transforma o efêmero em algo duradouro e atemporal.

No espiritual, as pedras têm seu papel. Em várias culturas, elas são vistas como amuletos, como portais para o sagrado. Cada pedra sagrada carrega algo de especial, um poder que parece falar com o mais profundo da nossa alma. Carregar uma pedra assim é quase como um lembrete de que estamos conectados a algo maior e que somos parte de um ciclo eterno. Ao longo do tempo, as pedras têm uma presença impressionante nas religiões e, particularmente, na história bíblica. Elas são como pequenos lembretes de algo sólido, algo que permanece, que ¹é eterno. Sempre que leio passagens onde aparecem pedras, percebo que elas não estão ali por acaso; elas carregam um significado que vai além do material, como se fossem o elo entre o mundo humano e o sagrado.

No Antigo Testamento, por exemplo, as pedras são usadas para marcar momentos importantes. Quando Jacó teve sua famosa visão da escada que ia até o céu, ele pegou uma pedra, usou-a como travesseiro e, depois, a ergueu como um altar para marcar o lugar onde Deus falou com ele. Essa pedra virou um símbolo da presença divina naquele espaço (Gênesis 28:10-22, ARA). Imagino o peso desse gesto: ele usou uma pedra comum para representar algo tão grandioso, uma ligação direta com o sagrado. É como se ele quisesse

que aquela rocha, aparentemente imutável, fosse um testemunho de algo eterno, uma memória que resistisse ao tempo.

Outro exemplo que me fascina é o uso das pedras no Templo de Salomão. A Bíblia descreve como o templo foi construído com enormes blocos de pedra, cortados com precisão e silêncio, sem o ruído de ferramentas no local sagrado. Essas pedras eram símbolo de devoção e reverência, escolhidas e moldadas com tanto cuidado que pareciam parte do próprio ato de adoração (1 Reis 5:17-18, ARA). ²Isso me faz pensar em como as pedras podem simbolizar nossa busca por algo mais elevado, como se, ao erguer algo de tão sólido e duradouro, tentássemos tocar o que é eterno.

E, claro, Jesus também usou a simbologia das pedras. Ele falou de si como “a pedra angular” — aquela pedra que sustenta e une uma construção. Ao se comparar a uma pedra, ele apontava para sua missão de ser um alicerce espiritual, uma base de onde todos pudessem construir suas vidas. É uma imagem poderosa: a ideia de algo tão forte e sólido que pode suportar a fé e as vidas de milhões. (Atos 4:11, ARA).³

As pedras também aparecem em momentos de conflito e prova. Quando o povo de Israel atravessa o deserto e passa por tribulações, é Moisés quem usa uma pedra para obter água para o povo sedento. (Êxodo 17:1-7, ARA). ⁴A rocha ali simboliza a força, a resiliência, mas também um milagre, uma possibilidade de vida em meio à aridez. Essa história me lembra que, mesmo quando as coisas parecem duras e sem saída, há algo nas “pedras” — no sentido mais profundo

— que pode sustentar, que pode oferecer um caminho, uma esperança.

Em tantas histórias e religiões, as pedras parecem ser as testemunhas silenciosas de nossa busca por Deus, por respostas e por algo que nos dê sentido. Elas guardam memórias, marcam eventos e, de alguma forma, são um reflexo da nossa própria busca por permanência. Fascina-me a ideia de que, em um mundo tão cheio de mudanças e incertezas, as pedras, em sua simplicidade e solidez, possam ser símbolos tão profundos de fé e transcendência.

Nas religiões africanas, as pedras são muito mais que objetos; elas são portais sagrados, símbolos de conexão com o espiritual e o ancestral. Quando me aprofundo nisso, vejo as pedras como testemunhas e mensageiras de uma tradição que respeita o poder do mundo natural. É fascinante perceber que, em muitas culturas africanas, as pedras não são vistas como coisas inanimadas, mas como elementos que guardam histórias, energias e até presenças espirituais.

No Candomblé e na Umbanda, por exemplo, cada pedra escolhida carrega em si um

pedaço do Orixá, um elo com a energia que ele representa. Pense em Xangô, o Orixá da justiça e do trovão: suas pedras não são qualquer uma, mas aquelas que refletem a força, a estabilidade e a intensidade da terra e do fogo. Essas pedras estão nos assentamentos, espaços sagrados que servem como um canal direto para essa energia divina. É bonito imaginar que, ao tocar ou cuidar dessas pedras, os praticantes sentem como se estivessem em contato direto com o próprio Orixá, quase como um abraço da espiritualidade.

E essa relação é muito mais que simbólica. As pedras são usadas para cura, proteção, e até para guiar e equilibrar energias. Em rituais, elas são colocadas em altares, usadas em colares, amuletos ou como apoio em momentos de meditação e oração. São guardiãs de intenções: carregam cantos, orações, e cada palavra ou desejo é absorvido por elas, como se acumulassem a sabedoria e as forças da comunidade que as reverências. Ver isso me faz entender o quanto a natureza é, de fato, parte integrante da espiritualidade nessas tradições.

Para mim, aprender sobre essa relação das pedras nas religiões é como abrir uma janela para outra forma de enxergar o mundo, onde nada está separado, onde a pedra pode ser uma expressão de força, cuidado e conexão com algo maior. É como se, ao se conectar com uma pedra, as pessoas estivessem também se conectando a uma linha de ancestrais, à terra e ao universo.

Mas há também a pedra que o corpo carrega, e nem sempre isso é algo bom. As pedras nos rins e na vesícula são, para mim, um lembrete doloroso de que a rigidez nem sempre é benéfica. São como pequenos acúmulos que meu corpo cria, um sinal de que algo ali precisa ser liberado. Talvez seja uma lição de que não devo deixar nada endurecer dentro de mim por muito tempo.

E então, claro, cheguei à Era da Pedra, aquele período em que tudo começou para a humanidade. Imagino como teria sido viver naquela época, aprender a moldar as pedras, a usá-las para criar ferramentas e abrigo.

As pedras foram o primeiro recurso natural que nossos ancestrais dominaram, o que nos permitiu começar a construir, a sobreviver, a transformar o mundo. É como se a pedra fosse a primeira professora da humanidade. Elas não são só blocos de matéria sólida; são, de algum modo, presença, expressão, símbolo. A primeira vez que reparei nisso foi observando a arte — as pedras aparecem desde as pinturas rupestres, quando nossos ancestrais usavam paredes de cavernas para registrar suas vidas, suas caçadas, suas histórias.

Mas a coisa não para aí. Ao longo da história, as pedras foram esculpidas e trabalhadas para se tornarem formas de expressão profunda: estátuas de mármore, templos que desafiam o tempo, monumentos que parecem guardar segredos.

A pedra, quando utilizada como lápide, adquire um significado simbólico profundo. Ela não é apenas uma escolha prática, mas um gesto de reverência e respeito pela memória de quem partiu. A pedra, com sua resistência ao tempo e à erosão, torna-se um símbolo de permanência, marcando a imutabilidade do momento final da vida física, mas também da continuidade da lembrança e do legado deixado.

Ao ser gravada com o nome do falecido, a pedra torna-se um elo entre a materialidade da existência e a imaterialidade da memória, oferecendo um espaço de reflexão para os vivos. Ela nos lembra que, embora a vida seja transitória, o impacto de uma vida bem vivida pode perdurar. A pedra, com sua solidez, serve para ancorar essa memória no tempo, como um testemunho que resiste ao desgaste das gerações.

Assim, ao nos despedirmos do corpo físico, a pedra como lápide se torna mais do que um simples marco: ela representa a conexão entre o finito e o eterno, a ideia de que, embora a matéria se desfaça, a essência do ser pode continuar a existir nas lembranças daqueles que permaneceram. A pedra, nesse contexto, reflete a resiliência da memória e o desejo humano de perpetuar a vida além da morte.

Hoje, depois de toda essa viagem por significados, sinto que cada pedra que vejo pelo caminho carrega em si um pedaço da minha própria história, das memórias da humanidade e do planeta. As pedras são símbolos de resistência, dureza e eternidade. Elas são o que há de mais sólido e tangível, mas também guardam o que há de mais profundo e misterioso, quase como uma extensão da minha própria busca por sentido.

Quando vejo como as pedras atravessam tantos espaços e significados, fico fascinada. E aí, num contraste surpreendente, vejo as pedras ganhando vida nas festas de carnaval.

Pedras e cristais, no carnaval, deixam de ser frias ou intocáveis; ganham movimento, cores e brilho. Elas são usadas para criar fantasias que celebram essa solidez reluzente, adornam corpos em desfile e se transformam em alegorias de força, resistência e beleza. O carnaval tem uma liberdade quase mágica de transformar e reinterpretar, e quando as pedras aparecem como tema, sinto que é como se contassem sua história, como se fossem personagens vivas, radiantes, que o público pode ver e se encantar. Isso me intriga: como um elemento tão rígido pode ser usado de forma tão fluida e efêmera?

E, claro, há o papel das pedras como símbolos e representações de pessoas. Elas ganham significado: a dureza pode representar a resiliência, a beleza pode ser um reflexo de alguém que brilha, mesmo que de uma forma discreta. Alguns tipos de pedra até carregam nomes de pessoas famosas ou são símbolos de causas e ideais. Pedras preciosas, por

exemplo, como o diamante ou o rubi, têm sido usadas para simbolizar virtudes, como a força e a paixão.

Para mim, ver tudo isso é como assistir a uma dança entre o permanente e o mutável. As pedras parecem carregar uma história, uma presença forte, que, seja na arte, no carnaval, como símbolo ou até em homenagem a alguém, nunca deixa de ser poderosa. Elas são sólidas e, ao mesmo tempo, parte de algo maior e misterioso, que não consigo deixar de observar e admirar.

E, ao me deparar com Bergson, que faz a afirmação genial que o homem, a mente humana ama estar entre os sólidos. A inteligência só se sente à vontade, só está inteiramente em casa quando opera sobre a matéria bruta, em particular sobre sólidos. (Bergson, 2005, p. 6). Quando Henri Bergson menciona que "a inteligência só se sente à vontade, só está inteiramente em casa quando opera sobre a matéria bruta, em particular sobre sólidos", ele está se referindo à forma como nossa inteligência, ou seja, nossa capacidade racional e analítica, trabalha melhor com aquilo fixo, concreto e estável — como os objetos físicos sólidos.

Os "sólidos" representam as coisas que podemos ver, tocar e medir no mundo material. A inteligência se desenvolveu, na maioria, para nos ajudar a interagir com esses objetos de maneira prática: construir, manipular, usar ferramentas, etc. Isso se aplica tanto à vida cotidiana quanto às ciências e técnicas, que lidam com materiais que podem ser separados, analisados e controlados.

Por outro lado, Bergson argumenta que a inteligência não funciona tão bem quando tenta compreender realidades mais fluidas e dinâmicas, como o tempo, o movimento ou a própria vida. Essas realidades não são fixas como os sólidos — estão sempre em transformação — e, por isso, escapam ao controle da inteligência. "sólidos" aqui são uma metáfora para tudo aquilo que é concreto e estável, com o que a inteligência se sente mais confortável, mas ela encontra dificuldades para lidar com o que é fluido e mutável.

Isso me levou a querer refletir sobre essa ideia a partir da arte e da estética. Quando Bergson fala sobre os sólidos (Bergson, 2005, p. 157), fiquei instigada a aprofundar esse conceito. Mas será que de alguma forma Bergson queria provar que o sólido era mais importante que o líquido? Na verdade, não, Bergson não quer provar que o sólido é mais importante que o líquido. Ele usa "sólidos" e "líquidos" como metáforas para dois modos de perceber a realidade: a inteligência e a intuição. Para ele, a inteligência funciona melhor com coisas concretas e estáveis (os sólidos), como objetos que podemos manipular e usar. No entanto, essa capacidade tem limitações quando tentamos entender aspectos da vida que estão

em constante movimento, como o tempo e o fluxo da vida (o líquido). Para isso, precisamos da intuição, que capta melhor o que é fluido e em transformação.

Na filosofia de Bergson, a pedra se relaciona com o tempo e a materialidade da existência, contrastando o que é duradouro e o que é efêmero. A pedra pode simbolizar a materialidade pura, o elemento bruto da natureza que resiste ao tempo e à transformação, levando a reflexões sobre o que é permanente e imutável na vida humana em oposição ao que é passageiro. As pedras também são uma metáfora existencial. Assim como no conto do quebrador de pedras, elas representam a dureza da vida, o esforço repetitivo e a luta diária. Além disso, podem ser vistas como o símbolo da imobilidade, contrastando com a fluidez da vida humana, e nos convidam a refletir sobre questões de permanência e mudança.

Portanto, o mineral, especificamente as pedras, será abordado sob duas perspectivas: a da estética e a filosófica. A abordagem sugerida caminha "da paixão pela pedra, passando pela contemplação até o pensamento crítico sobre as pedras" a fim de uma reflexão rica sobre a relação entre o ser humano e a matéria sólida. Os minerais, como uma das formas mais estáveis e duradouras da natureza, desafiam-nos a pensar sobre conceitos de permanência, materialidade e até mesmo a própria noção de tempo.

Henri Bergson, em sua obra *A Evolução Criadora*, afirma que a mente humana tem uma atração natural por aquilo que é sólido e imutável. Ele observa que, ao tentar compreender o mundo, a inteligência humana tende a privilegiar o que é fixo e estável. Isso se alinha à ideia de que o ser humano, na busca por segurança e conhecimento, vê nos minerais e nas pedras símbolos da permanência e da certeza em um mundo marcado pela transformação contínua. Como Bergson coloca, "a mente humana ama os sólidos", pois eles parecem responder à nossa necessidade de agarrar-se ao que é firme e concreto em meio às mudanças incessantes da realidade.

Refletir filosoficamente sobre os minerais, portanto, significa meditar sobre o que é imutável na existência. Enquanto a vida flui, se altera e se desdobra, os minerais, por sua estabilidade e durabilidade, oferecem uma espécie de resistência ao tempo. Esse fascínio pelos sólidos reflete, segundo Bergson, o desejo humano de capturar e fixar o que parece passageiro.

1. A FILOSOFIA DAS PEDRAS E DOS MINERAIS

Desde os tempos mais remotos, as pedras e os minerais despertaram a curiosidade humana, tanto por sua utilidade quanto por sua beleza enigmática. Mas o que exatamente diferencia uma pedra de um mineral? A resposta, embora técnica, carrega uma profundidade que ultrapassa a simples classificação científica e nos convida a refletir sobre a própria essência do mundo material.

Os minerais são substâncias sólidas, naturais, inorgânicas e dotadas de uma composição química definida. Eles possuem estruturas cristalinas que refletem a precisão geométrica da natureza. Quartzo, feldspato e calcita são exemplos desses "elementos fundamentais" que, como os átomos na química, constituem a base de algo maior: as pedras.

Por outro lado, as pedras, ou rochas, são agregados naturais compostos por dois ou mais minerais, ou mesmo por um único mineral em grandes proporções. Elas nascem de processos geológicos que ocorrem ao longo de milhões de anos, sendo classificadas como ígneas, sedimentares ou metamórficas, dependendo de suas origens e transformações. São testemunhas silenciosas da história do planeta, armazenando em suas camadas a memória de erupções vulcânicas, deslocamentos tectônicos e o contínuo ciclo de erosão e formação.

Essa relação intrínseca entre minerais e pedras vai além da geologia. Enquanto os minerais podem ser vistos como os "tijolos" da Terra, as pedras, em sua multiplicidade e permanência, simbolizam a interconexão e a transformação constante. Ao compreender o que os distingue e, ao mesmo tempo, os une, não estamos apenas classificando elementos do mundo físico, mas também explorando a harmonia e o dinamismo do universo.

Assim, este capítulo busca refletir sobre essa harmonia, entrelaçando a filosofia e a ciência, a materialidade e a simbologia, para revelar como as pedras e os minerais podem inspirar não apenas o pensamento racional, mas também a contemplação poética e a compreensão do eterno em meio ao transitório. Estudar as pedras pode ter muitos motivos importantes, tanto no ponto de vista político, tecnológico, ambiental, quanto filosófico. As pedras, enquanto minerais, desempenham um papel central em disputas políticas e econômicas. A mineração, por exemplo, é uma fonte de riqueza em países como o Brasil, mas também gera conflitos sobre a posse de terras, os direitos de comunidades indígenas e a preservação ambiental. Refletir sobre as pedras envolve questionar quem se beneficia da exploração mineral, como os lucros e o impactos sociais e ambientais são distribuídos.

No campo tecnológico, as pedras e minerais são fundamentais para o desenvolvimento de praticamente toda a tecnologia moderna, desde a fabricação de eletrônicos até a construção de infraestrutura. A diferença entre quem extrai matéria-prima e quem domina as tecnologias avançadas revela um desequilíbrio global que vale a pena estudar e repensar.

Do ponto de vista ambiental, a extração de pedras e minerais pode causar danos significativos, como desmatamento, poluição e destruição de ecossistemas. Pensar sobre o impacto ambiental da mineração abre debates sobre sustentabilidade e a necessidade de encontrar um equilíbrio entre exploração econômica e preservação ambiental.

Já no campo filosófico, a pedra pode ser pensada como um símbolo de permanência, durabilidade e indestrutibilidade, como destaca Roger Caillois ao falar da "beleza indestrutível" das pedras. Para Caillois (1970, p. 15), "as pedras possuem uma beleza indestrutível que transcende o tempo e a história humana, desafiando nossa noção de efemeridade".

Roger Caillois, em *O Homem e o Sagrado*, explora essa "paixão pela pedra", vendo nela uma forma de beleza indestrutível, que desafia o desgaste e a morte, proporcionando uma espécie de contemplação quase mística.

Além disso, pensar filosoficamente sobre as pedras pode nos levar a reconsiderar nossa relação com o material e o imaterial, o fixo e o mutável. A pedra não é apenas um símbolo físico, mas também uma metáfora do pensamento: ideias sólidas, resistências ao fluxo da vida e à efemeridade do ser

Assim, filosofar sobre os minerais é, de certo modo, filosofar sobre a própria condição humana. É pensar sobre o que permanece constante diante da mudança, sobre a nossa busca por segurança e estabilidade, e sobre como a pedra — em sua durabilidade — pode nos oferecer uma nova maneira de refletir sobre o tempo, a matéria e o espírito.

2. A POESIA, O BELO E O FLUXO CONTÍNUO

Aninha e suas Pedras

*Não te deixes destruir
... Ajuntando novas
pedras e construindo
poemas.*

Recria tua vida, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

*Faz de tua vida mesquinha
um poema.*

*E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.*

Cora Coralina

A poesia "Aninha e suas pedras", de Cora Coralina, (CORALINA, 1983, p. 45). A poesia começa apresentando as pedras como elementos fundamentais, quase como testemunhas silenciosas da história. Aqui, a ideia de que as pedras “são” algo mais do que inanimadas já nos provoca uma reflexão. Elas têm memórias, e essa personificação nos faz pensar em como cada um de nós carrega histórias, experiências e cicatrizes que moldam quem somos.

Quando o eu lírico menciona que as pedras têm “marcas”, isso nos leva a uma meditação sobre imperfeição e resiliência. Cada marca na pedra é um testemunho de sua jornada, assim como as nossas cicatrizes — físicas ou emocionais — representam desafios superados. Essa comparação nos ajuda a entender que a beleza não reside na perfeição, mas nas histórias que cada uma carrega.

A continuação da poesia traz uma ideia de contemplação. O eu lírico observa as pedras e, ao fazê-lo, se conecta com o tempo. Ele reflete sobre a transitoriedade da vida e como as pedras, por serem sólidas e duradouras, oferecem um contraste à efemeridade da existência. Nesse ponto, a poesia nos convida a questionar o que realmente importa: as coisas que permanecem ou as que se vão rapidamente?

À medida que a poesia avança, o eu lírico se pergunta sobre o que ele gostaria de preservar em sua própria vida. As pedras, que guardam em si a história da Terra, nos levam

a pensar sobre as memórias que queremos manter. A ideia de preservação se torna central, sugerindo que algumas experiências são tão valiosas que devemos tratá-las como preciosidades

— assim como as pedras.

Quando o eu lírico menciona que as pedras “encarnam” a dualidade da vida, ele destaca um ponto essencial: a luta entre a permanência e a transitoriedade. Essa dualidade é uma reflexão sobre a condição humana. Somos todos feitos de experiências passageiras, mas também buscamos aquilo que nos dá segurança e significado.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces”, traz uma rica metáfora sobre como podemos escolher nossas reações às adversidades. “Remover pedras” implica na ação de deixar para trás o que não serve mais ou que é prejudicial. Ao mesmo tempo, “planta roseiras e faz doces” sugere que podemos cultivar beleza e alegria, mesmo em terrenos difíceis. Isso nos faz refletir sobre a importância de cuidar de nós mesmos e de nossa vida, criando momentos de prazer e felicidade.

O verso “Recomeça” é um imperativo que encapsula toda a mensagem da poesia. É um chamado à ação, um lembrete de que nunca é tarde para mudar, para tentar novamente e para fazer a vida valer a pena. Essa ideia de recomeço é libertadora e ressoa com muitos de nós que enfrentamos períodos de estagnação ou tristeza.

Ao dizer “Faz de tua vida mesquinha um poema”, Cora Coralina nos convida a transformar a banalidade do cotidiano em algo poético. Isso sugere que até mesmo as experiências mais simples e aparentemente insignificantes podem ser elevadas a um nível de beleza e significado. Essa abordagem nos encoraja a olhar para nossas vidas com uma nova perspectiva, encontrando poesia nas pequenas coisas.

A linha “E viverás no coração dos jovens e na memória das gerações que hão de vir” aponta para a noção de legado. Cora nos lembra que nossas ações e experiências não são apenas relevantes para nós, mas também moldam como seremos lembrados por aqueles que virão após nós. Esse desejo de deixar uma marca duradoura é universal e nos inspira a viver de forma autêntica e significativa.

A contemplação das pedras se transforma em um processo de introspecção, onde cada um é levado a examinar suas próprias “pedras” — as memórias, experiências e pessoas que consideramos inabaláveis em nossas vidas. O eu lírico nos provoca a pensar sobre o que realmente nos sustenta em tempos difíceis e quais são os pontos de referência que encontramos ao longo da jornada.

Por fim, a poesia se conclui com uma chamada à ação. Ao contemplar as pedras e suas histórias, somos lembrados de que devemos valorizar nossas próprias histórias e a beleza que existe na vida. A reflexão sobre a durabilidade das pedras nos inspira a procurar o que é significativo em nossas vidas e a encontrar beleza nas pequenas coisas, mesmo nas imperfeições.

Esse processo de transformação das pedras também pode ser interpretado sob o pensamento de Henri Bergson. Para Bergson, a vida é um fluxo contínuo de criação e transformação, o que ele chama de *élan vital* (impulso vital). O *élan vital* é descrito como "uma força criativa que atravessa e impulsiona a vida, levando à emergência de novas formas, além de uma explicação puramente mecânica e material da evolução". (Bergson, 2005, p. 120).

Assim como o *élan vital* molda a matéria bruta em formas vivas e complexas, a personagem da poesia transforma seus obstáculos em algo belo e grandioso. A inteligência humana, segundo Bergson, lida com o mundo material de maneira prática, mas é a intuição que permite essa transformação criativa. Cora Coralina sugere que, diante das dificuldades, é preciso mais do que inteligência: é necessário um impulso criativo que transforma os fardos em oportunidades.

Além disso, a poesia reflete uma dimensão existencialista. Ao dizer "minhas pedras", Cora reconhece que os desafios que carregamos são profundamente pessoais e individuais. O enfrentamento dessas dificuldades é, muitas vezes, solitário, e essa solidão não é algo negativo, mas parte da responsabilidade de criar sentido a partir da própria existência. O ato de transformar as pedras em um castelo ecoa o ato de ser livre. De que o ser humano não é definido por suas circunstâncias, mas pela maneira como reage a elas. A protagonista da poesia constrói com suas pedras, transformando os obstáculos em sua própria obra de vida.

Finalmente, há uma valorização da beleza contida nas pedras. Elas não são apenas obstáculos, mas carregam em si um potencial de beleza e permanência. Essa ideia pode ser associada ao conceito de "beleza indestrutível" de Roger Caillois, que via nas pedras uma estética que transcende o efêmero. Ao transformar as pedras em um castelo, Cora Coralina nos lembra que mesmo as situações mais difíceis possuem um potencial de transformação, algo que pode se tornar belo se soubermos lidar com elas.

"Aninha e suas pedras" traz uma profunda reflexão filosófica sobre a vida e o modo como enfrentamos as adversidades. A partir das metáforas das pedras, Cora Coralina sugere que, apesar dos desafios inevitáveis, somos capazes de dar sentido e criar beleza a partir das

experiências mais difíceis. A postura construtiva e criativa diante dos obstáculos, alinhada a diferentes correntes filosóficas como o estoicismo, o existencialismo e o pensamento de Bergson, revela a profundidade da poesia e sua mensagem sobre a capacidade humana de transformação e resiliência.

3. A PEDRA COMO MATERIAL

O Quebrador de Pedras

Era uma vez um sujeito muito simples, que ganhava a vida quebrando pedras. Ele tinha saúde, emprego, família, mas, vivia permanentemente insatisfeito. Um dia ele passou em frente à casa de um homem muito rico e importante e sentiu um terrível inveja ao vê-lo cercado de bens valiosos e pessoas importantes. Ah... como ele queria ser como aquele homem! Então, inexplicavelmente, como num passe de mágica... plim! Ele foi colocado no lugar do rico. Mas, quando ia começar a usufruir o luxo e o poder, passou em frente daquela casa um importante general, montado num magnífico cavalo, e todos se curvavam diante dele. O quebrador de pedras novamente sentiu inveja e desejou ser aquele general e, mais uma vez, plim! Lá estava ele, em cima do cavalo. Mas, quando ia começar a desfrutar o prestígio do general, caiu do cavalo, devido ao forte calor do sol do meio-dia. Então, ele invejou o sol e... plim! Mas, quando ia começar a experimentar todo o poder de seus raios, uma nuvem escura veio e tapou-lhe a visão e interrompeu seus raios. Invejou a nuvem escura e... plim! Mas, quando ia começar a tapar os raios do sol, passou um forte vento e jogou a nuvem para longe. Invejou o vento e... plim! Mas, quando ia começar a jogar nuvens escuras para bem longe, uma montanha quebrou o vento. Invejou a montanha e... plim! Tornou-se a montanha. Ah... agora, finalmente, parece que ficou satisfeito, pois, parecia-lhe que, em todo o mundo, nada era mais poderoso que uma grande e inabalável montanha. Mas, foi neste pequeno e único momento de satisfação que ele ouviu um som que lhe era bastante familiar, o som de uma pesada marreta de ferro manejada com habilidade por um musculoso quebrador de pedras, quebrando a montanha devagarinho.

Este conto pode ser entendido como uma reflexão sobre a insatisfação humana e o desejo constante por mais. Ele nos leva a pensar sobre o ciclo de querer sempre algo diferente e como isso nos impede de encontrar paz.

A história do conto começa com um homem simples, que quebra pedras para viver. Apesar de ter saúde, emprego e família, ele nunca está satisfeito. Um dia, ao passar pela casa de um homem rico e poderoso, ele sente inveja e deseja ser como aquele homem. De forma mágica, seu desejo é atendido, e ele se torna o homem rico. No entanto, logo sente inveja de um general que passa e deseja ser como ele. E assim, o ciclo continua: ele deseja ser o sol, depois a nuvem, o vento, e por fim, a montanha. Em cada transformação, o quebrador de

pedras acredita que finalmente encontrará satisfação, mas sempre surge algo mais poderoso ou superior, e ele volta a desejar ser outra coisa.

O ponto-chave da história é que, no final, quando o homem se transforma na montanha — algo que ele acredita ser o mais forte de tudo —, ele ouve um quebrador de pedras, igual a quem ele era no início, quebrando a montanha. Isso mostra que, mesmo sendo uma montanha, ele ainda não é o mais forte. A história fecha um ciclo, onde ele, em vez de encontrar satisfação em suas conquistas, sempre acaba voltando à sua origem.

A mensagem principal do conto é que a busca constante por poder, riqueza ou status não leva à verdadeira felicidade. Cada vez que o homem atinge o que deseja, ele logo encontra outro motivo para querer mais. Isso reflete uma verdade sobre a condição humana: o desejo nunca tem fim. A felicidade, no fundo, não está em alcançar grandes coisas, mas em aceitar o que somos e o que temos.

No final das contas, o conto nos ensina que a verdadeira paz não vem de buscar ser algo que não somos, mas de aceitar e valorizar o que já temos.

O núcleo do conto está na insatisfação constante do ser humano e na busca interminável por algo mais, que nunca resulta em felicidade duradoura. A história gira em torno de um ciclo de desejos, onde o protagonista, sempre invejando algo ou alguém, acredita que sua felicidade depende de se transformar em outra coisa mais poderosa ou importante. Porém, a cada conquista, ele logo se sente insatisfeito novamente, mostrando que a felicidade baseada em conquistas externas é ilusória.

O ciclo se completa quando ele volta simbolicamente à sua origem — o quebrador de pedras —, sugerindo que, apesar de todas as suas transformações e poder, a verdadeira satisfação talvez esteja em aceitar sua própria condição inicial. Assim, o tema central é a reflexão sobre como o desejo incessante nos mantém presos em um ciclo de frustração e a importância de aprender a aceitar e valorizar a vida como ela é.

No bairro onde moro, havia alguns homens que trabalhavam quebrando pedras. Eles quebravam um tipo específico de pedra, usada para fazer calçadas. Iam quebrando uma a uma aquelas pedras quadradas, sob o sol escaldante, trabalhando o dia inteiro. Parecia trabalho escravo. Imagino que deva haver chefes que ficam com a maioria do dinheiro, enquanto quem quebra as pedras ganha muito pouco. É uma metáfora para o trabalho pesado, e há uma imagem que o pessoal da tecnologia costuma usar: o Brasil minera, faz a extração, enquanto a Suécia vende as máquinas de mineração. Isso mostra a diferença entre os tipos de

trabalho. O trabalho com a picareta sempre foi visto como uma forma de tecnologia inferior, sempre há algo que o coloca abaixo. A pedra simboliza exatamente isso: o peso, o trabalho árduo, desatualizado, competitivo e cansativo. Trabalhar sob o sol e ganhar pouco é um verdadeiro fardo. Quebrar pedras é algo horrível. Prisioneiros na Sibéria eram forçados a quebrar pedras como forma de punição. Assim, 'quebrar pedras' se torna uma metáfora do trabalho pesado, de uma vida sem alívio. No Brasil, está cheio de 'quebradores de pedra', no sentido de pessoas que trabalham arduamente por pouco retorno.

E no conto do quebrador de pedras, ele tem a chance de realizar todos os seus desejos, mas acaba voltando ao ponto de partida — à sua 'desgraça', por assim dizer. Isso sugere que, mesmo que as condições mudem, a insatisfação permanece. É uma crítica à ideia de que alcançar poder ou status automaticamente traria realização. Ao final, ele retorna ao que é simbolicamente o seu destino: quebrar pedras, um trabalho que representa o ciclo de insatisfação e a dureza da vida."

Esse trecho traz uma reflexão profunda sobre o trabalho extenuante e a falta de valorização em muitas profissões, especialmente no Brasil, associando o ato de "quebrar pedras" a uma metáfora para um tipo de trabalho árduo, pouco recompensado e muitas vezes desatualizado.

4. A ESTÉTICA DA PEDRA

Entre as décadas de 1960 e 1970, o antropólogo e sociólogo francês Roger Caillois lançou um tríptico notável: *Pierres* (1966), *L'Écriture des pierres* (1970) e *Pierres réfléchies* (1975). Seu fascínio pelo assunto persistiu até sua morte em 1978. Contudo, Caillois é mais amplamente reconhecido por suas reflexões sobre o jogo, a guerra, a festa, o sonho e o mito, além de suas interações com as sociedades humanas, notavelmente na obra *L'Homme et le Sacré* (1938), que foi traduzida para o português como *O homem e o sagrado* (Lisboa, 1988) e se tornou uma referência na área da antropologia no Brasil. As investigações sobre as pedras foram mencionadas apenas de forma parcial em diversos artigos e revistas, geralmente com outros temas. Sobre ele, como disse acima, estudarei a fundo mais adiante.

Caillois demonstra interesse não só por pedras preciosas, mas também por aquelas mais comuns, que encantam pela singularidade de suas formas e cores. O autor observa que:

"As pedras possuem um algo que as torna graves, fixas e extremas, com uma qualidade indestrutível ou que já se completou. Elas atraem por uma beleza intrínseca, imediata e inconfundível, que não precisa justificar-se. Essa beleza, essencialmente perfeita, exclui, no entanto, a noção de perfeição, pois não admite aproximações, falhas ou excessos."

Segundo Caillois, as pedras contêm "estruturas espontâneas e latentes", que remetem a uma ordem estética mais ampla e anterior às leis humanas e artísticas, algo "extremo, indestrutível e já concluído" (Caillois, 1975).

A perfeição e a beleza das pedras, tão precisas e rigorosas, parecem estar além do alcance humano. Entretanto, ao contrário da *tekné*, das técnicas e das atividades industriais, as habilidades práticas. Caillois identifica nas pedras estruturas espontâneas e latentes, que remetem a uma ordem estética muito mais ampla e difusa, anterior às criações humanas e artísticas. Algo atemporal, que poderia ser descrito como "extremo, indestrutível e já concluído", manifestando-se ao mesmo tempo, completo e eterno. Isso reflete uma condição mineral e arquitetônica que desafia os limites, uma linguagem estranha, distante da ideia convencional de ordem, mas que, ainda que não orgânica, é profunda e visceral.

Frequentemente associadas a talismãs ou instrumentos de leitura do sagrado, como runas ou bolas de cristal, as pedras parecem conter um saber que, por um lado, miniaturiza o mundo. Por outro, servem como objetos de meditação, de conexão com o sagrado, sejam essas forças chamadas de Deus, Caos, Inconsciente, Natureza ou Poesia.

Em suas obras, Caillois relaciona as pedras a fenômenos observados em certos animais, como o bicho-pau, que se confunde com galhos, ou o camaleão, que adapta sua cor ao ambiente. Assim, as pedras se disfarçam, assumindo formas e figuras do mundo, e em suas superfícies polidas podemos visualizar árvores, raízes, perfis de animais ou rostos humanos. Suas ranhuras, padrões repetitivos, variações de cor e textura oferecem analogias que permitem interpretações, como se fossem uma leitura das forças da natureza e da própria imaginação humana. Dessa forma, decifrar as pedras é também desvendar o humano e os jogos de disfarce, os efeitos visuais da natureza.

Em suas obras, Caillois compara as pedras a fenômenos de mimetismo observados na natureza, como o bicho-pau e o camaleão, que se confundem com o ambiente (Caillois, 1970).

Em *L'image dans la pierre*, Caillois explora ágatas e mármore a partir de uma perspectiva que tensiona e aproxima o imaginário ocidental e oriental.

Em *L'image dans la pierre*, Caillois examina "ágatas e mármore" a partir de uma perspectiva que aproxima o imaginário do Ocidente e do Oriente (Caillois, 1966).

Essas práticas de interpretação e reflexão vão muito além da mera leitura superficial: desvelar as inscrições nas pedras amplifica o poético e o literário, criando uma proximidade tanto com o sagrado quanto com o que é oculto, não revelado ou proibido. As pedras, como forma de escrita, simbolizam um estado mineral da cultura que aponta para o futuro — tal como os mármore em bruto, plenos de possibilidades escultóricas — e para o passado, como os fósseis conservados em museus, registros daquilo que um dia foi vivo. No presente, elas representam o enigma silencioso e sólido, refletindo as camadas discursivas intrincadas, as bordas afiadas das identidades, ou a superfície polida da linguagem, que, apesar de sua suavidade tátil, mantém-se sempre como um mistério inatingível em termos de significado.

A análise de Caillois transforma a pedra em um "enigma universal dentro da linguagem", funcionando como um traço ou um vestígio de uma “experiência quase fenomenológica”, onde o sujeito se dissolve na materialidade do mundo. Ele identifica uma “continuidade ininterrupta entre os diferentes reinos da natureza” e sugere a superação das fronteiras que separam o ser humano da matéria.

"Decifrar as pedras seria ler o humano e as forças da analogia e da homologia como atividades privilegiadas da imaginação" (Caillois, 1970).

Se passássemos em revista as faculdades intelectuais, veríamos que a inteligência s6

se sente à vontade, se está inteiramente em casa quando opera sobre a matéria bruta, em particular sobre sólidos (Henri, 2005, p. 167).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que me lembro, sempre tive uma conexão especial com as pedras. Elas não são apenas objetos inanimados, mas sim testemunhas silenciosas da história da Terra e, de certo modo, da nossa própria história. Quando olho para uma pedra, sinto como se estivesse olhando para um pedaço de tempo congelado — um fragmento de um passado que se estende por milênios, guardando memórias de eras que mal conseguimos imaginar.

Acho que é essa a razão pela qual Bergson me fascina tanto. Ao afirmar que a mente humana se atrai pelo sólido e imutável, ele destaca uma necessidade fundamental que todos nós temos: a busca por segurança e certeza em um mundo que está sempre em transformação. O desejo de encontrar algo que perdure é uma resposta natural às incertezas da vida. Para mim, as pedras simbolizam exatamente isso. Elas oferecem uma estabilidade que muitas vezes nos falta em nossas experiências cotidianas. Em um universo marcado pela transitoriedade, a solidez das pedras torna-se um ponto de referência — uma âncora que nos convida a refletir sobre a dualidade da existência.

É fascinante perceber que, em muitas culturas, as pedras têm significados profundos. Elas são vistas não apenas como matéria física, mas como representações de estados de ser, de experiências humanas e de verdades existenciais. Cada pedra carrega consigo a história do nosso planeta, refletindo processos geológicos que se estendem por milênios. Quando olho para uma rocha, não posso deixar de pensar nas camadas de tempo e nas forças da natureza que moldaram aquele pedaço de terra. Essa consciência me faz sentir parte de algo muito maior, uma interconexão com a história da Terra e com as experiências de outras pessoas que, assim como eu, encontraram significado nas pedras.

E o que dizer da beleza das pedras? Elas nos lembram que, embora as mudanças sejam inevitáveis, também existem elementos em nossas vidas que podem ser duradouros e que merecem nossa apreciação. Cada pedra tem sua própria história, suas marcas e suas imperfeições. Essa singularidade me encanta. A beleza das pedras torna-se uma metáfora para a busca por significado, resiliência e conexão em um mundo que muitas vezes parece caótico.

Quando olho para uma pedra, sou levado a refletir não apenas sobre o que ela é, mas

sobre o que ela representa em minha própria experiência de vida. Para mim, cada pedra é um testemunho da luta pela estabilidade, uma âncora em tempos de mudança, e uma fonte de inspiração para encontrar beleza mesmo nas situações mais desafiadoras. É como se, ao contemplar essas rochas, eu estivesse me conectando a uma parte mais profunda de mim mesmo, à minha busca por raízes e por significado.

Roger Caillois, em sua análise, complementa essa visão ao explorar a “paixão pela pedra” como uma forma de beleza indestrutível. Ele afirma que a beleza das pedras transcende a efemeridade e oferece uma contemplação que se aproxima do místico. Essa contemplação vai além da mera apreciação estética; é um convite a meditar sobre a condição humana e a fragilidade da vida. As pedras, com sua durabilidade e resiliência, tornam-se ícones de uma estética que desafia o desgaste e a morte, permitindo ao observador um momento de conexão com o eterno.

Refletir filosoficamente sobre os minerais, portanto, não é apenas uma investigação sobre suas propriedades físicas, mas um convite a explorar questões fundamentais da existência: o que é imutável? Como encontramos sentido em meio às mudanças constantes? Essa busca por compreensão se transforma em um caminho para o autoconhecimento e a introspecção, onde a contemplação das pedras pode atuar como um espelho que reflete nossas próprias inquietações e desejos.

E assim, essa interação entre a busca pela solidez e a inevitabilidade da transformação nos leva a pensar sobre a dualidade presente na condição humana. Enquanto a mente anseia por estabilidade e segurança, a realidade nos lembra constantemente da impermanência de tudo ao nosso redor. Nesse contexto, as pedras e minerais, com sua resistência ao desgaste do tempo, servem como metáforas poderosas para essa tensão entre o efêmero e o duradouro.

Ao contemplar as pedras, não estamos apenas olhando para objetos físicos, mas nos engajamos em um processo de introspecção que revela nossas inquietações mais profundas. Elas nos provocam a questionar: o que realmente perdura em nossas vidas? Quais são os valores, as relações ou as experiências que consideramos sólidos? Essa contemplação pode nos levar a um entendimento mais profundo sobre o que significa encontrar um sentido de permanência em um mundo que, por sua natureza, está em constante fluxo.

Além disso, a estética das pedras, como Caillois sugere, nos faz perceber que há uma beleza na resistência e na história que cada mineral carrega. Cada pedra é, de certa forma, um arquivo da memória geológica da Terra, encapsulando processos de formação que se

estendem por milênios. Essa ideia de que as pedras são testemunhas da história nos leva a pensar sobre como a nossa própria história se entrelaça com o mundo ao nosso redor. A busca por um legado, por deixar algo que perdure, se torna uma extensão da nossa própria busca por significado.

Por fim, essa reflexão nos leva a uma conclusão significativa sobre a relação entre a humanidade e o mundo mineral. Ao examinarmos as ideias de Bergson e Caillois, percebemos que a busca pela solidez e pela permanência é uma parte fundamental da experiência humana. É uma resposta natural às incertezas da vida. As pedras, com sua beleza indestrutível e resistência ao tempo, servem como símbolos dessa busca, oferecendo um ponto de apoio em um mundo em constante mudança. Portanto, autores como Bergson, em *A Evolução Criadora*, e Caillois, em *O Homem e o Sagrado*, nos mostram que há uma rica filosofia que emerge da contemplação dos minerais. Eles nos convidam a questionar o que é sólido e imutável no mundo e como isso ressoa com nossa busca por permanência e significado em meio às mudanças inevitáveis da vida.

Contudo, ao mesmo tempo, em que essas pedras representam um desejo de estabilidade, elas também nos lembram da riqueza que a transitoriedade traz. A impermanência da vida, a fluidez das experiências e a inevitabilidade das mudanças são aspectos que podem ser contemplados e apreciados. Essa dualidade entre o imutável e o efêmero nos desafia a encontrar um equilíbrio, uma consciência de que a beleza e o significado podem emergir tanto na durabilidade das pedras quanto na volatilidade da vida.

Esse aprendizado nos permite cultivar uma sensibilidade estética que transcende a mera observação superficial. Ele nos convida a compreender a profundidade e a complexidade do mundo ao nosso redor, transformando a contemplação em uma prática de conexão e entendimento. Essa sensibilidade nos leva a considerar a beleza nas pequenas coisas, a valorizar a história e a narrativa que cada elemento carrega.

Assim, ao desenvolver essa sensibilidade, nos tornamos mais capazes de ver as interconexões entre nós e o mundo mineral. As pedras e minerais não são apenas objetos inanimados, mas testemunhas de nossa própria jornada. Essa relação mais profunda nos ajuda a refletir sobre a passagem do tempo, a fragilidade da vida e a importância de cada momento. A sensibilidade estética se transforma, então, em uma ferramenta poderosa para a autodescoberta, ampliando nossa capacidade de apreciar a beleza da existência.

E ao final, ao tocarmos e meditarmos sobre essas pedras, podemos nos abrir para uma sabedoria que vai além do intelecto. Essa experiência estética nos proporciona

percepções sobre nós mesmos e nosso lugar no mundo, revelando a magia que reside na simplicidade das coisas. Cada pedra, com sua textura, cor e forma únicas, nos convida a explorar o que realmente importa — a conexão com o que é verdadeiro, duradouro e significativo em nossas vidas.

¹ Bíblia Sagrada, Tradução Almeida Revista e Atualizada, Gênesis 28:10-22. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

² Bíblia Sagrada, Tradução Almeida Revista e Atualizada, 1 Reis 5:17-18. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

³ Bíblia Sagrada, Tradução Almeida Revista e Atualizada, Atos 4:11. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

⁴ Bíblia Sagrada, Tradução Almeida Revista e Atualizada, Êxodo 17:1-7. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORALINA, Cora. *Poesias completas*. 1. ed. São Paulo: Drago, 1994.

BERGSON, Henri. *Evolução criadora*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. Breves notas sobre pedras. In: SCHMIDT, Rita Terezinha; MANDAGARÁ, Pedro (orgs.). *Sustentabilidade: o que pode a literatura?*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015. p. 180-190.

CAILLOIS, Roger. *As pedras*. Tradução de José L. de S. Barros. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

CAILLOIS, Roger. *L'Écriture des pierres*. Paris: Gallimard, 1970. CAILLOIS, Roger. *Pierres*. Paris: Gallimard, 1966.

CAILLOIS, Roger. *Pierres réfléchies*. Paris: Gallimard, 1975.

GALVÃO, Lucia Helena. O quebrador de pedras – Conto Zen. *Revista Pazes*, 2024. Disponível em: <https://www.revistapazes.com/o-quebrador-de-pedras-conto-zen-por-lucia-helena-galvao/>. Acesso em: 4 nov. 2024.

BÍBLIA. Sagrada: tradução Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.